

## REFERÊNCIAS CULTURAIS NA TRADUÇÃO DO ROMANCE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Rosângela de Oliveira Silva Araújo<sup>1</sup>

Nesta comunicação discutiremos a questão de referências culturais na tradução do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, tomando como base as noções de “tradução domesticadora” e “tradução estrangeirizante”, segundo os teóricos Antoine Berman (2000) e Lawrence Venuti (2002) sobre a traduzibilidade de elementos culturais. Nossa leitura pretende evidenciar como a tradutora Paloma Martinez-Cruz reconstrói a cultura (afro-) brasileira na sua tradução do romance para o inglês estadunidense mostrando, assim, o papel que a tradução desempenha como mola propulsora no processo de formação de identidades culturais.

Estudar questões concernentes a referências culturais pressupõe, dentre as múltiplas possibilidades, relacionar elementos de uma cultura a outra ou outras. Neste estudo, consideraremos duas culturas distintas, sendo que uma delas ocupa posição hegemônica superior de dominação no cenário literário internacional. As culturas em pauta estarão em nível de comparação na medida em que nos debruçarmos na tradução do supracitado romance e constataremos determinados elementos, que denotam resistências ao confronto, ou seja, o encontro do Mesmo com o Outro. Tenhamos sempre em mente que o denominador comum é a cultura diaspórica africana nas Américas.

Como afirma Berman, “Qualquer cultura desejaria ser suficiente em si mesma para, a partir dessa suficiência imaginária, ao mesmo tempo brilhar sobre as outras e apropriar-se do seu patrimônio (Berman, 2002, p.17).” Essa noção egoística de cultura se choca com a visão pós-colonial de cultura como um espaço voltado à comunicação, negociação e respeito às diferenças. De modo semelhante, à noção de tradução está implícita a relação assimétrica que tem “estruturado as relações internacionais durante séculos” (Venuti, 2002, p. 297). Não percamos de vista que “a tradução é uma prática cultural que está profundamente implicada nas relações de dominação e dependência, igualmente capaz de mantê-las ou interrompê-las” (Venuti, 2002, p. 297).

André Lefevere em seu livro *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária* (2007) nomeia os tradutores de reescritores, os quais ele considera “os intermediários”, homens e mulheres que não são escritores de obras literárias, já que, ao traduzir, as reescrevem. Ao estabelecer esta nova categoria de escritores, ele lhes atribui uma determinada importância porque, para eles, estes são

co-responsáveis, em igual ou maior proporção que os escritores, pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias entre leitores não- profissionais, que constituem a grande maioria dos leitores em nossa cultura globalizada (LEFEVERE, 2007, p. 13).

Com esta observação, Lefevere quer chamar a atenção para o real valor do papel do tradutor, para a sobrevivência da obra literária. Ao elevar o status do tradutor a uma posição central, este é revestido de poder para manipular, segundo sua própria

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras (Literatura e Cultura) pela Universidade Federal da Paraíba, com Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1990) e Graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1984). É Professora Assistente da Universidade Federal da Paraíba, atuando na área de Letras, com ênfase em Ensino de Língua Inglesa.

ideologia, como lhe convier, a obra literária. Este movimento lhe impõe um papel preponderante, uma vez que ele age como um propulsor, como força motriz da evolução literária. Venuti corrobora essa idéia quando afirma que

Se os efeitos de uma tradução revelam-se conservadores ou transgressores vai depender fundamentalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, mas também dos vários fatores envolvidos na sua recepção, inclusive o layout da página e a arte da capa do livro impresso, a cópia para divulgação, a opinião dos resenhistas, o uso que é feito da tradução nas instituições socioculturais, o modo como é lida e ensinada (VENUTI, 2002, p. 131).

Lefevere considera que as reescrituras são produzidas a serviço, ou sob as restrições de certas correntes ideológicas ou poetológicas. Esta afirmação revela a rede complexa que subjaz um ato de reescritura. Ele acredita que

a tradução é a forma mais reconhecível de reescritura e a potencialmente mais influente pela sua capacidade de projetar a imagem de um autor ou de uma série de obras em outra cultura para além dos limites de sua cultura de origem (LEFEVERE, 2007, p. 24).

Ao discutir o papel da tradução como força modeladora, o teórico não só levanta uma série de questões relevantes sobre ideologia, poder na sociedade e literatura, mas também destaca a função central do poder da tradução de formar uma cultura sobre outra. Tal constatação revela seu caráter múltiplo, se consideramos a gama de elementos com que esta lida antes, durante e depois do processo tradutório. Este movimento poderoso da tradução evidencia sua importância na evolução literária. Para o teórico, uma obra escrita ‘originalmente’ precisa passar pela reescritura para sobreviver e conseguir ir além. O pensamento de Lefevere ecoa o do tradutor e filósofo alemão Walter Benjamin (2001) que em seu texto polêmico sobre “A Tarefa do Tradutor” ventila a idéia de que a tradução permite a sobrevivência dos textos através dos tempos.

Consciente da ideologia que subjaz o fazer tradutório, Venuti posiciona-se sobre o que ele denomina de estratégia de domesticação da tradução. Para ele, qualquer tradução necessariamente realiza um trabalho de domesticação, por estar escrita numa língua doméstica. Uma tradução domesticadora é um poderoso instrumento de dominação, que tem como aparente finalidade a fluência do texto traduzido, a fim de causar no leitor a ilusão de se estar lendo um texto originalmente escrito na sua língua.

Essa estratégia de tradução “esconde” propósitos político-ideológicos, a exemplo de ocultação de valores culturais presentes no texto fonte, que são ‘domesticados’ e até dominados pela cultura hegemônica. Ao mesmo tempo em que oculta referências culturais presentes no texto fonte, tal tradução reforça seus próprios valores culturais, sob o véu de uma tradução transparente, compreensível ao leitor. Deste modo, ao realizar uma tradução domesticadora, o tradutor nega ao leitor de sua tradução o acesso a importantes informações culturais, impossibilitando-o de rever seus próprios valores e, deste modo, contribuir para a manutenção de uma posição de cultura hegemônica.

Berman, por sua vez, Em seu texto intitulado *Translation and the trials of the foreign* (1985/2000) (traduzido do original em Francês por Venuti) polemiza a tarefa do tradutor, ao apresentar algumas “tendências deformadoras” a que está sujeito todo aquele que se envolva no processo de transportar um material textual de uma língua/cultura para outra. Segundo o crítico, tais tendências culminam inevitavelmente na domesticação do texto da língua de partida, ao mesmo tempo em que denunciam a

negação do elemento estrangeiro, na medida em que o tradutor almeje uma tradução semelhante a um texto fonte, escrito na língua meta, resultando no que ele denomina de tradução etnocêntrica.

Berman apresenta essas constatações a partir de sua experiência pessoal como tradutor da obra em prosa, aliadas aos estudos históricos de grandes figuras da tradução, [como Hölderlin (1770 – 1843), Schleiermacher (1768 – 1834) e Chateaubriand (1768 – 1848)] (Berman, 2007, p. 10), e acrescenta que tal obra lida com textos tão presos a sua língua que o ato de tradução inevitavelmente se torna uma manipulação de significantes, em que duas línguas estabelecem várias formas de choque e de alguma maneira se *unem*. Como se tradução, longe de ser *a prova do estrangeiro*, fosse mais sua negação, sua aclimatação, sua “naturalização”. Como se sua essência fosse radicalmente reprimida. Daí, a necessidade de reflexão sobre o objetivo ético, próprio do ato de tradução: receber o elemento estrangeiro como estrangeiro (Berman, 1985, p. 277).

O teórico assegura que todo tradutor está exposto a este jogo de forças e não consegue se libertar, mesmo tendo consciência dele. Este escraviza o tradutor a ponto de sua prática precisar se submeter à análise se este quiser neutralizar o inconsciente. Berman acredita que somente cedendo "aos controles", no sentido psicanalítico, o tradutor consegue se libertar do “sistema de deformação” que sobrecarrega sua prática.

O sistema de deformação é a expressão internalizada de uma tradição de dois milênios, bem como a estrutura etnocêntrica de cada cultura, de cada língua, enquanto “língua culta.” Para Berman, este sistema funciona completamente e sua analítica parte da localização de várias tendências deformadoras que constituem o total sistemático. O crítico menciona doze tendências principais, que podem estar associadas entre si ou derivar de outras, mas segundo ele, pode haver mais algumas. Estas tendências concernem a toda tradução, qualquer que seja a língua, pelo menos na tradição ocidental, embora algumas possam ser mais acentuadas em um espaço lingüístico e cultural do que em outros. (Berman, 1985: 278)

Considerando os postulados dos teóricos aqui citados, vejamos como as noções de tradução domesticadora e tradução estrangeirizante se apresentam na tradução do romance de Evaristo, pela tradutora Paloma Martinez-Cruz, que opta por usar a norma culta do inglês americano, conforme verificamos em sua justificativa para suas escolhas na introdução ao romance.

O romance *Ponciá Vicêncio* foi escrito na década de 1990, porém só publicado em 2003, pela editora mineira Mazza. Contudo, em 2005, o romance ganhou uma 2ª edição, e em 2007 foi traduzido e publicado pela editora Host Publications, nos EUA. A narrativa traça a trajetória da protagonista Ponciá Vicêncio, uma afro-brasileira oriunda do mundo rural, desde sua infância até a idade adulta, mostrando um *continuum* de perdas sofridas por Ponciá, e também por outras personagens, ao longo do percurso da conquista de seu espaço exterior, mas, sobretudo da afirmação do espaço interior, sua própria identidade, uma identidade que é particular, mas também coletiva. Vale enfatizar ainda que embora o universo de raízes afro seja o cerne da trama ficcional do romance brasileiro e de sua versão inglesa, percebemos que, algumas vezes, personagens, hábitos, costumes, crenças e mitos são representados de modo distinto em cada texto (fonte e meta).

Deste modo, as narrativas – em português e em inglês – apresentam um enredo semelhante, contudo, com um distinto leque significante de referências culturais, que revelam particularidades próprias das línguas/culturas envolvidas, evidenciando a existência de um enredo subjacente distinto em cada versão, como constatamos em nossa análise, segundo os postulados dos teóricos em pauta, ou seja, a noção de tradução domesticadora e tradução estrangeirizante.

Inicialmente consideraremos a versão brasileira, destacando alguns elementos que fazem do romance um rico e elaborado tecido cultural (afro-) brasileiro, para em seguida, compararmos com o resultado da tradução, ou seja, a versão em inglês. Sabemos que as escolhas da tradutora podem manipular e até transformar o efeito que o romance pode provocar no leitor do inglês estadunidense, principalmente se importantes informações da cultura afro-brasileira forem ocultadas, o que promoverá uma negação cultural a todo aquele que deixa de ter acesso ao mundo peculiar da escritura de Evaristo.

Em seu texto de introdução ao romance, a tradutora, Paloma Martinez-Cruz, confessa não apenas que negou parcialmente o acesso do leitor estadunidense à cultura afro-brasileira, como também mostrou estar a serviço da cultura hegemônica integrando elementos culturais ao texto da cultura de origem (Robinson, 2002, p. 316). Desta forma, a tradutora doméstica, algumas vezes, o texto fonte e, ao fazê-lo, implicitamente promove uma recusa pelo elemento estrangeiro e contribui para a formação de identidades culturais.

Vejam algumas passagens do romance em questão nas versões do texto em português e em inglês:

O **homem** de Ponciá Vicêncio remexeu-se na (?) cama. (p.53)

Ponciá Vicencio's **husband** shifted in **their** bed. (p.48)

Juntando dinheiro para comprar um **barraco**. (p. 45)

Toward the purchase of a **little house**. (p. 40)

Mas como dizer para a **patroa**? (p.45)

But how would she tell her **employer**? (p.40)

Sentiu o cheiro de **pinga** que exalava da **garrafinha**. (p.12)

She felt the smell of **white rum** exhaled from the mouth of the flask. (p.5)

No primeiro fragmento, *O homem de Ponciá Vicêncio remexeu-se na cama* (p.53) (*Ponciá Vicencio's husband shifted in their bed*. p.48), percebemos a opção da tradutora em traduzir “homem” por “husband” (marido), ou seja, a tradutora institucionaliza a relação da personagem Ponciá com o homem. Com a escolha desse vocábulo, ela promove a destruição das redes de significantes subjacentes, quando consideramos a importância da conservação do significante “homem de Ponciá” para a narrativa.

Que ideologia subjaz tal ato de domesticação? Ao negar ao público alvo a informação como se apresenta no texto fonte, a rede de significados que este público construirá estará, inevitavelmente, em desacordo com os propósitos do texto fonte, conforme veremos adiante. Será que este mesmo público não se sentiria confortável diante da insinuação de um relacionamento não oficializado por uma igreja, ou órgão oficial, causando constrangimento em um país puritano, ao revelar a realidade em que vive a personagem, uma comunidade em que o casamento como instituição oficial não é uma constante?

Os demais fragmentos destacados igualmente revelam que as opções da tradutora promovem modificações no texto meta: a frase *Juntando dinheiro para comprar um barraco* (p.45) (*Toward the purchase of a little house*. p. 40), à palavra **barraco** é dada a tradução de **little house**. Há aqui uma quebra de equivalência que gera um empobrecimento do significante “barraco” que carrega em si uma carga semântica

denunciadora da condição social em que está inserida a personagem e, ao mesmo tempo, faz parte da rede subjacente de significado no mesmo nível de “homem de Ponciá”/“barraco”; enquanto *little house* (casinha) pode adquirir vários outros significados, mas a sua escolha se afasta fatalmente das intenções da autora do texto fonte.

No fragmento seguinte “Mas como dizer para a **patroa**?” (p.45) (But how would she tell her **employer**? p.40), para a palavra **patroa**, a tradutora opta pelo termo **employer**. Em português, **patroa**, segundo o Aurélio Eletrônico, “é tratamento dado a uma senhora, por pessoas de condição social inferior.” Logo, denuncia a relação de desigualdade social entre Ponciá e a mulher para quem trabalha; o termo patroa é muito mais acentuado, até porque patroa assume uma conotação negativa, estabelecendo relação de inferioridade; é uma forma costumeira da doméstica em geral se referir à dona de casa para quem trabalha e, infelizmente, já está incorporado à cultura brasileira. No entanto, o termo é ignorado pela tradutora, que ao optar pela palavra **employer**, generaliza o termo, que significa “pessoa ou companhia que emprega operários”, logo se afasta do sentido conotativo utilizado pela autora do texto fonte.

No último fragmento, *Sentiu o cheiro de pinga que exalava da garrafinha* (p.12) (*She felt the smell of white rum exhaled from the mouth of the flask.* p.5), ao traduzir **pinga** por **white rum**, a tradutora nega visivelmente o acesso do leitor a um produto típico da cultura brasileira: a pinga. Sabemos que “pinga” é um termo coloquial para designar a cachaça, produto nacional, que tem sua composição diferente do rum. Seria uma ótima ocasião para a tradutora dar abrigo ao estrangeiro em toda sua estrangeiridade. Rum, segundo *The Free Dictionary*, é “uma bebida alcoólica, feita de cana de açúcar, de origem desconhecida” [alcoholic drink made from sugar cane; origin unknown]. Podemos observar que houve aqui uma quebra de equivalência em nível lexical e semântico.

Notamos que questões de ordem lingüística e cultural são evidenciadas apenas com uma breve análise de certos termos traduzidos na versão em inglês do romance de Evaristo, o que nos leva a concluir que a posição tradutológica de Berman se presta à nossa reflexão sobre a negação do estrangeiro, bem como a noção de domesticação da tradução, de Venuti.

Parece-nos que traduzir de modo a preservar a essência do texto fonte significa tentar preservar o jogo entre as palavras e o sentido ali encontrados. Vejamos a relação entre os termos que leva um leitor do texto fonte, em português, e do texto meta, em inglês, a construir: o leitor do texto em português percebe que os termos selecionados **homem/barraco/patroa/pinga** formam uma cadeia de significados que se distanciam de **husband/little house/employer/white rum** que é o que o leitor do texto traduzido recebe através das escolhas da tradutora.

Deste modo, percebemos nesta breve análise que Paloma Martinez-Cruz, na verdade, ao reconstruir a cultura afro-brasileira, não consegue se libertar das “tendências deformadoras” de que fala Berman, e por essa razão, utiliza a estratégia da domesticação da tradução, revelando assim que não deu abrigo ao estrangeiro, de modo que sua tradução resulta em uma espécie de americanização da cultura afro-brasileira.

No entanto, como consideração final, não poderíamos deixar de registrar que, apesar de detectar tais desvios, a tradutora, em vários momentos, também faz uso de uma tradução literal. Minhas colocações servem para ilustrar a complexidade que envolve o ato tradutório, bem como enfatizar a posição delicada em que se encontra o tradutor em sua empreitada. Por fim, percebemos que as reflexões de Berman e de Venuti sobre o processo de tradução de uma obra literária em prosa podem auxiliar o tradutor no projeto de tradução que este tem a sua frente.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. “A tarefa – renúncia do tradutor”. Tradução de Susana Kampff Lages. In: HEIDERMANN, Werner (Org.) *Clássicos da teoria da tradução*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. (Antologia Bilingüe, alemão-português; Volume 1). Título original: Die Aufgabe des Übersetzers.
- BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. Trad. Maria Emília P. Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Translation and the Trials of the Foreign”. In: VENUTI, Lawrence. (Ed.) *The translation study reader*. Translated by Lawrence Venuti. New York: Routledge, 2008, p. 276-289.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Trad. Paloma Martinez-Cruz. Austin, Texas: Host Publication, 2007.
- LEFEVERE, André. *Tradução, escrita e manipulação da fama literária*. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- ROBINSON, Douglas. *Construindo o tradutor*. Trad. Jussara Simões. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin; Lucinéia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda & Valéria Biondo. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.